



## **Aspectos culturais da Umbanda**

*Cultural Aspects Of Umbanda*

**Ivani Coelho Andrade**

*Professora nos Municípios de Vitória e Serra*

**Sônia Maria Raimundo**

*Mestranda no PPG em Ciências das Religiões na Faculdade Unida de Vitória*

**Resumo:** Neste artigo se discutirá aspectos culturais da Umbanda, do ponto de vista conceitual, a partir de estudos bibliográficos que trazem em seu bojo perspectivas histórico-culturais dessa religião de matriz africana. De maneira geral, compreende-se que o cenário religioso brasileiro é marcado pela presença de um forte sincretismo de valores e crenças, bem característico à formação cultural do país como um todo. A Umbanda é constituída de prática religiosa que emerge dessa realidade, igualmente se marca pela conciliação cosmológica de vários elementos das religiões de matriz africana e do cristianismo, bem como ideologias e práticas simbólicas ameríndias.

**Palavras-chave:** Umbanda; Religião de matriz africana; Brasil.

**Abstract:** This article will discuss cultural aspects of Umbanda, from a conceptual point of view, based on bibliographic studies that bring in their core historical-cultural perspectives of this diaspora religion. In general, it is understood that the Brazilian religious scene is marked by the presence of a strong syncretism of values and beliefs, very characteristic of the cultural formation of the country as a whole. Umbanda is made up of a religious practice that emerges from this reality, it is also marked by the cosmological conciliation of various elements of religions of African origin and Christianity, as well as Amerindian ideologies and symbolic practices.

**Keywords:** Umbanda; African matrix religion; Brazil.

### **Introdução**

O presente artigo discorre sobre a origem da Umbanda na formação da sociedade brasileira, trazendo sua história, mito e práticas de uma religião nacional. Por isso, teve como objetivo apresentar aspectos culturais da Umbanda enquanto vertente religiosa genuinamente brasileira, tendo em vista que foi fundada por Pai Zélio de Moraes, um brasileiro. A Umbanda, em seu processo de criação, teve movimentos diversos em estados diferentes no território brasileiro.

Muitos se esforçaram por negar que Pai Zélio de Moraes tenha sido o fundador da Umbanda, mas de nada adiantou, pois os registros históricos e as evidências deram conta de afirmar essa verdade, como, por exemplo, o livro de Alexandre Cumino que reza sobre a História da Umbanda: uma Religião brasileira, que traz registros desde 1908. Diante desse fato histórico, em 2008 a Umbanda completou um século de atividade: “a Umbanda é herdeira das experiências religiosas de três raças (branca,

negra e vermelha) e muitas culturas. Ela amadurece [...] em busca de uma identidade [...]”<sup>726</sup>.

## **1 Aspectos culturais da Umbanda**

A Umbanda, fundada no início do século XX, possui fundamentos próprios que visam a harmonização familiar e espírito de comunidade, como movimento conciliatório entre as várias vertentes religiosas existentes no processo de formação da sociedade brasileira. “Um tema central nas discussões a respeito da Umbanda sempre foi a questão das origens da religião [...]”<sup>727</sup>. Ou seja, a origem constitui-se de um campo de batalha em que se define o começo de um fenômeno. Que de acordo com Ortiz, é um produto direto das transformações ocorridas em um determinado período na sociedade brasileira, tendo em vista que “[...] um movimento de transformação social corresponde um movimento de mudança cultural, isto é, as crenças e práticas afro-brasileiras se modificam tomando um novo significado dentro do conjunto da sociedade global brasileira”<sup>728</sup>. O que corrobora com conceitos defendidos por Alexandre Cumino,

A Umbanda surge da necessidade de uma nova realidade cultural miscigenada, do encontro destas culturas do índio brasileiro, do negro africano e do branco europeu somando uma riqueza espiritual muito grande de um novo povo, que não se enquadra mais nos moldes clássicos de religiosidade, um povo que não aceita fronteira espiritual, que não aceita tabus ou dogmas, um povo que além de tudo isso vive na era da informação<sup>729</sup>.

Para Cumino, as práticas da Umbanda não se limitam às barreiras ideológicas de uma única religião em específica, mas se manifestam ao longo da vida de cada sujeito de acordo com as necessidades sociais, culturais, grupais e individuais que circundam seu espírito. Nesse sentido, práticas como: rituais de defumação; ações mediúnicas; culto às divindades e, principalmente, a manifestação e conexão com o divino mediada pelos elementos da natureza, não partem essencialmente de uma cosmologia única, mas sim da conexão entre várias concepções cosmológicas que se alinham de maneiras particulares a depender das linhas de trabalho dentro da própria Umbanda<sup>730</sup>.

O mito fundante da religião proferido pelo médium Zélio Fernandino de Moraes em 1908, no momento da incorporação do Caboclo das Sete Encruzilhadas, referia-se ao surgimento de uma religião brasileira, na qual espíritos de negros, indígenas e ex-

---

<sup>726</sup> CUMINO, Alexandre. *História da Umbanda: uma religião brasileira*. São Paulo: Madras, 2019, p. 29.

<sup>727</sup> GIUMBELLI, E. Zélio de Moraes e as origens da umbanda no Rio de Janeiro. In: SILVA, V. G. (Org.). *Caminhos da alma: memória afro-brasileira*. São Paulo: Summus, 2002, p. 196.

<sup>728</sup> ORTIZ, R. *A morte branca do feiticeiro negro: Umbanda e sociedade brasileira*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1999, p. 15.

<sup>729</sup> CUMINO, Alexandre. Umbanda, Candomblé e Kardecismo. *Espiritualidade e Sociedade*, 2022b, s/p. In:

[http://www.espiritualidades.com.br/Artigos/C\\_autores/CUMINO\\_Alexandre\\_tit\\_Umbanda\\_Candomblé\\_e\\_Kardecismo.htm](http://www.espiritualidades.com.br/Artigos/C_autores/CUMINO_Alexandre_tit_Umbanda_Candomblé_e_Kardecismo.htm). Acesso em fevereiro de 2022.

<sup>730</sup> CUMINO, 2022b, s/p.

escravos, até então excluídos das rodas do Espiritismo de matriz kardequiana no Brasil, poderiam se manifestar livremente. A consolidação da Umbanda como uma religião nacional se marca pela elaboração de um campo religioso que realmente conecte o sujeito brasileiro em sua multiplicidade étnica e cosmológica, trazendo a religiosidade e a espiritualidade para espaços menos hegemônicos.<sup>731</sup>

Aqui no Brasil quem veio explorar o Brasil trouxe para trabalhar, para engrandecer este país eram os pretos da costa da África, como é que uma Federação Espírita não recebia caboclo nem preto. Então disse eu, disse o espírito: Amanhã na casa do meu aparelho, na rua Floriano Peixoto número 30 será inaugurada uma tenda espírita com o nome de Nossa Senhora da Piedade, que se chamará tenda de umbanda, onde o Preto e o Caboclo pudessem trabalhar.<sup>732</sup>

O que coaduna com estudos de Giumbelli sobre a Umbanda no Rio de Janeiro em que definia como “nova religião, com fronteiras minimamente definidas e sistemas doutrinários e rituais minimamente codificados, designada como ‘umbanda’, só se explica por um movimento de institucionalização dominado por expoentes imbuídos da cosmologia kardecista”<sup>733</sup>. Em um momento histórico de consolidação do território brasileiro como nação, o projeto de formação da Umbanda emerge dentro de um ideal nacionalista, algo amplamente sustentado pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas em sua narrativa fiel à origem triádica do país (pretos, indígenas e brancos). Sua representação imagética se alterna entre um homem indígena adulto ou uma das suas encarnações como o padre jesuíta Gabriel de Malagrida. O espírito de Malagrida se faz mais presente na Umbanda Kardecista, e suas ações mediúnicas evocam certo caráter histórico-político, ao convencionar por escrito alguns dos fundamentos práticos e simbólicos da religião. Movimento que é considerado extremamente importante para a aceitação e legitimação da Umbanda entre as elites hegemônicas brasileiras<sup>734</sup>.

Outra evidência dessa reprodução identitária dos povos brasileiros nas doutrinas Umbandistas é a ideia de que a manifestação da mediunidade pode surgir de diversas entidades, independente de laços físicos ou iniciações ritualísticas. Esse ideal parte igualmente da busca por um credo religioso que se pauta a partir de uma realidade assimétrica, ou seja, um cenário pós abolição ainda sustentado por diferentes tipos de desigualdades de acesso ao poder e à recursos em suas mais variadas instâncias. Desse ponto, a ideia é construir um espaço religioso pautado na caridade, acolhimento, de doação e amor à alteridade<sup>735</sup>.

Essa perspectiva ideológica corrobora com a ligação com o Espiritismo e o Cristianismo, mas ao contrário, a Umbanda dentro de sua narrativa fundadora privilegia o protagonismo dos desassistidos e daqueles que possuem pouco poder

<sup>731</sup> ISAIA, Artur Cesar. A Umbanda como projeto de nomeação da realidade brasileira. *Revista Brasileira de História das Religiões*, v. 7, n. 21, p. 115-129, 2015. In: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/article/view/26580/16655>. Acesso em fevereiro de 2022, p. 120.

<sup>732</sup> ISAIA, 2015, p. 120.

<sup>733</sup> GIUMBELLI, 2002, p. 211.

<sup>734</sup> CUMINO, 2022b, s/p.

<sup>735</sup> CUMINO, 2022b, s/p.

social. Segundo Isaia, a Umbanda se consolida por meio de uma inversão ritual dos segmentos de menor poder na hierarquia social, e centraliza a figura do preto, do indígena e dos caboclos no panteão umbandista, como operação narrativa compensatória a situação de sujeição e apagamento a que eram submetidos<sup>736</sup>.

Cumino defende o argumento de que o que chamamos de matriz religiosa brasileira não se sustenta a partir de um simples sincretismo dos elementos simbólicos entre os grupos étnicos que aqui se fazem presente, mas sim como reflexo dos processos de colonização e formação do território a partir de um ponto de vista cultural<sup>737</sup>. Assim, o que em demografia se representa como miscigenação étnica, se traduz no campo religioso como sincretismo<sup>738</sup>. Nesse sentido, a Umbanda, como campo religioso que caracteriza este espaço, se concretiza como a síntese da formação identitária. Entretanto, esse elemento não limita os movimentos de hegemonização e embranquecimento das lógicas simbólicas da Umbanda como forma de consolidar a mesma em um âmbito político.

Ao longo do século XX, o mito fundante que envolve o Caboclo das Sete Encruzilhadas começa a passar por processos de ressignificação sob uma nova ênfase, agora em defesa à narrativa de uma Umbanda mais cristã e hierarquizada. Autores espíritas consagrados como Jota Alves de Oliveira e Humberto de Campos, por exemplo, defendem a ideia da Umbanda como a representação de uma “história sagrada para o Brasil, cuja teleologia estava determinada pelos desígnios divinos”<sup>739</sup>. Isaia aponta como esse movimento de ressignificação exibe um evidente projeto de aferição de dividendos simbólicos, ou seja, uma busca por aproximar e equilibrar bens culturais e simbólicos coexistentes de forma a consolidar sua legitimidade. Essa operação é reproduzida no domínio imagético-iconográfico através da aproximação entre as imagens dos médiuns Chico Xavier e Zélio de Moraes no intuito de criar certa equivalência entre as simbologias que estes suscitam<sup>740</sup>.

Alexandre Cumino parte igualmente desta abordagem e dedica certa centralidade à narrativa de Chico Xavier em suas obras ao discorrer sobre a proximidade entre Umbanda e Espiritismo ao evocar o nacionalismo religioso presente na gênese da Umbanda para embasar uma tal aproximação<sup>741</sup>.

Um ponto crítico dessa abordagem é a evidente interface política que se apresenta nesse movimento de apropriação e ressignificação dos termos simbólicos que circundam a narrativa fundante da religião. Percebe-se também ao longo do século XX, uma certa dispersão e adoção de práticas e rituais umbandistas relacionados à religiosidade das populações subalternas da sociedade por parte das elites ou pela população em geral, mas acompanhados de uma certa redução simbólica, e localizada a eventos específicos como prática ritual não convencionalizada. Rituais como: roupas brancas e oferendas aos santos no ano novo, banhos energéticos e mandingas servem

---

<sup>736</sup> ISAIA, 2015, p. 122.

<sup>737</sup> CUMINO, 2019, p. 29.

<sup>738</sup> CUMINO, 2022b, s/p.

<sup>739</sup> SILVA, Maurício Ribeiro da. Trompe-L’Oeil: (in) visibilidade da Umbanda na cultura brasileira. *Libero*, n. 44, p. 44-55, 2019. In: <https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/1092>. Acesso em fevereiro de 2022.

<sup>740</sup> ISAIA, 2015, p. 122

<sup>741</sup> CUMINO, Alexandre. *Umbanda não é macumba: umbanda é religião e tem fundamento*. São Paulo: Madras, 2016, p. 45.

de exemplo desse processo de apropriação, visto sua repercussão desassociada de qualquer prática religiosa nomeada.

Este movimento de invisibilização e disseminação das contribuições advindas de povos não-europeus se manifesta igualmente no apagamento simbólico dessas práticas e na realocação das mesmas a um espaço de exclusão social ou até mesmo repúdio. Práticas compartilhadas com o Candomblé, como, por exemplo, rituais de despacho ou a incorporação em roda de gira<sup>742</sup>, ainda são alvo de preconceito e perseguição religiosa, além de muitas vezes serem associados a “magia negra” (nome bastante sugestivo) ou ao caráter diabólico associado às religiões consideradas pagãs pelo Cristianismo.

Ao lançar luz sob outras que práticas culturais e simbólicas institucionalizadas como registros fiéis da cultura brasileira, como o samba ou a capoeira, percebe-se que a seleção e aceitação das “brasilidades” convencionadas como *boas*, novamente respondem ao discurso nacionalista empregado nessa narrativa triádica evocada por algumas vertentes da Umbanda. Uma especificidade dessa aceitação é o exotismo que recobre algumas das performances associadas a tais práticas e cristaliza posições sociais ao local do exótico ou do proibido.

Gonzalez, por exemplo, aponta como essa narrativa triádica evoca um mito de democracia real inexistente, e aborda de maneira crítica a forma como a concepção da mulher negra e sua performance social ocorre de maneira unilateral e solidificada, diante dos conceitos eurocêntricos que a caracterizam e das concepções imagéticas que se fazem das mesmas no campo cultural. Esse discurso sincrético e aglutinador da identidade brasileira cria um “local do saber” (o saber institucionalizado, no caso) que invalida a memória (o saber de vivência) de diversos sujeitos, em um esquema de negação dos apagamentos imputados às narrativas não hegemônicas<sup>743</sup>.

Como todo mito, o da democracia racial oculta algo para além daquilo que mostra. Numa primeira aproximação, constatamos que exerce sua violência simbólica de maneira especial sobre a mulher negra. Pois o outro lado do endeusamento carnavalesco ocorre no cotidiano dessa mulher, quando ela se transfigura na empregada doméstica. É por aí que a culpabilidade engendrada pelo seu endeusamento se exerce com fortes cargas de agressividade. É por aí, também, que se constata que os termos *mulata* e *doméstica* são atribuições de um mesmo sujeito. A nomeação vai depender da situação em que somos vistas.<sup>744</sup>

Compreendendo as linhas sob as quais as narrativas fundantes das religiões se concretizam como projetos de nomeação da realidade cultural e religiosa em que se consolida, percebe-se igualmente como algumas práticas rituais, principalmente

---

<sup>742</sup> A Gira ou Jira nos terreiros de Umbanda, é a incorporação em grupo de vários espíritos de uma determinada categoria (Exu, Pomba Gira etc.). Esse processo se associa mais as rodas de incorporação que ocorrem no Candomblé na medida em que na doutrina Espírita a incorporação mediúnica se dá através da Psicofonia, na qual um espírito se comunica com os espíritos ocorrem de maneira mais consciente através da voz do médium.

<sup>743</sup> GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*—Anuário de Antropologia, Política e Sociologia. 1984. P. 128.

<sup>744</sup> GONZALEZ, 1984, p. 128.

aquelas conectadas a preceitos de matriz indígena e/ou diaspóricas, são comumente associadas a mitologia e ao misticismo, enquanto práticas mais secularizadas ou conectadas ao Espiritismo Cristão são tidas como fundamentos que conectam cada vertente da Umbanda em uma essência central.

O sincretismo é um ponto chave para compreender como a religiosidade é experimentada dentro da Umbanda, além de refletir o local de sua estruturação no campo cultural. Cumino aponta inclusive como uma das características centrais da religião, concebendo-a dentro de uma narrativa nacionalista, além do culto as entidades e a atribuição do caráter de magia a certos rituais para solução de problemas cotidianos; “a prática de uma religiosidade individual, à margem das instituições eclesiásticas; e uma moral “franciscana”, que privilegia atitudes e comportamentos ‘simples’, [...]”.<sup>745</sup> Sustenta ainda que:

É verdade que o sincretismo serviu para "encobrir" o culto de Orixás (e de inquices, voduns e tatas) por escravos que não tinham a liberdade de professar sua religião, agora isso foi um elemento para a sobrevivência do culto de nação, aqui conhecido como Candomblé, este é o marco de nascimento do sincretismo na cultura Afro-Brasileira.<sup>746</sup>

O culto aos Orixás é elemento emblemático dentro desta perspectiva, já que, a depender das vertentes, tanto na Umbanda quanto no Candomblé, os mesmos podem ser considerados como representações dos santos católicos, a instituir uma ambivalência ao culto dessas figuras ou até mesmo uma simbiose. Nessas vertentes, tais correlações são articuladas de maneira a aprofundar os elos simbólicos entre as cosmologias alinhadas na prática religiosa, nesse sentido, Jesus é Oxalá, São Jorge é Ogum e outros. Essa simbiose encontra-se inclusive no repertório imagético, como ocorre, por exemplo, na reprodução de Yemanjá e Nossa Senhora da Conceição, conforme imagens a seguir.

---

<sup>745</sup> CUMINO, 2022b, s/p.

<sup>746</sup> CUMINO, Alexandre. Sincretismo na Umbanda. *Espiritualidade e Sociedade*, 2022a, s/p. In: [http://www.espiritualidades.com.br/Artigos/C\\_autores/CUMINO\\_Alexandre\\_tit\\_Sincretismo\\_na\\_Umbanda.htm](http://www.espiritualidades.com.br/Artigos/C_autores/CUMINO_Alexandre_tit_Sincretismo_na_Umbanda.htm). Acesso em fevereiro de 2022.

Imagens de Yemanjá preta e branca nas pontas e no centro Nossa Senhora da Conceição



Fontes: <https://www.elo7.com.br/lista/iemanja-negra-estatua>;  
<https://www.elo7.com.br/lista/iemanja-branca-estatua?nav=sb>;  
<https://www.holyart.pt/artigos-religiosos/imagens-religiosas/imagens-em-fibra-de-vidro/nossa-senhora-da-conceicao-fibra-de-vidro-130-cm> .

Por outra via, há aquelas que defendem ferrenhamente a separação do santo e do Orixá. Nessa perspectiva, se mantém a ideia de um universo simbólico permeado por diversas entidades, sendo válido a existência simultânea de ambas. Entretanto, tal associação realizada de maneira tão direta despersonaliza o caráter das entidades, visto que suas origens cosmológicas, personalidades, ritos associados e efeitos simbólicos divergem em inúmeras instâncias. Sobre isso Cumino cita que:

A Tenda Mirim e o Primado de Umbanda, por intermédio de seu presidente fundador, Benjamim Figueiredo, também idealizaram uma Umbanda mais indígenas, na qual a influência africana é menor, evitando-se a presença de elementos católicos, como as imagens de santos, e figurando no altar apenas a imagem de Cristo (O Médiun Supremo) Na Tenda Mirim foi idealizada uma estrutura hierárquica interna, com graus de iniciação identificados por nomes indígenas.<sup>747</sup>

Cumino cita igualmente outros movimentos semelhantes, como a comparação entre Orixás e divindades indígenas, visto a igual influência destes no processo de formação da nação. Aqui, as correlações são realizadas entre panteão de deuses indígenas e os africanos, seguidos de "Semi Deuses" ou divindades de segunda ordem originadas das principais. Algumas correlações dessa perspectiva são Iara e Yemanjá, Tupi e Erê, Urubatão e Ogum, dentre outros. Deste ponto, novamente se retorna ao nacionalismo e ao sincretismo a esse agregado, fomentando não apenas no plano religioso, mas também no cultural.<sup>748</sup>

Assim como posto por diversos intelectuais do Pensamento Social Brasileiro contemporâneos no início do século XX, observa-se uma essa argumentação

<sup>747</sup> CUMINO, 2019, p. 57.

<sup>748</sup> CUMINO, 2019, p. 57.

relacionando a construção da identidade brasileira à assimilação coletiva dos traços étnicos-culturais dos povos da nação. Entretanto, o modo como esse processo foi incorporado revela uma certa centralidade da referência europeia no que se convencionou como pertencente à formação cultural do país, revelando uma igual invisibilização ou seletivização das origens afro-diaspóricas e indígenas. Sobre isso, Silva aponta que:

Como ponto de partida, é preciso considerar que tanto Umbanda quanto Candomblé ou outras religiões diferentes do Cristianismo (Cabula, Omolocô, Jurema, Santo Daime etc.), as quais de algum modo se relacionam ao indígena ou ao africano foram historicamente no Brasil, na esfera da sociedade e da cultura, compreendidas a partir da perspectiva eurocêntrica de que se constituíam como manifestação do caráter primitivo destes povos: não civilizados.<sup>749</sup>

Dentro do ponto de vista histórico-cultural, o momento de consolidação da Umbanda na nova república é simultâneo à construção desses arquétipos identitários, embasados por intelectuais que defendiam a ideia de uma unidade nacional alicerçada na mestiçagem e no sincretismo, atribuindo características psicobiológicas às pluralidades étnicas e territoriais brasileiras. Esse segmento ideológico, fomentado por autores como Darcy Ribeiro<sup>750</sup>, Gilberto Freyre<sup>751</sup> e Sérgio Buarque de Holanda<sup>752</sup>, os brasileiros reais são brancos e mestiços, e os grupos classificados como “racializados”, são limitados a “micro etnias” aculturadas e reduzidas em seu caráter étnico, ou marginalizadas devido a questões de classe.

Desconsiderando a falácia comumente conectada ao que se convencionou como aculturação<sup>753</sup>, os segmentos simbólicos associados a estes grupos étnicos, são por assim, reconhecidos em certa medida, quando não apropriados e/ou ressignificados sob uma nova ótica eurocêntrica, de maneira a reduzir os aspectos limitantes (em um sentido progressista) da prática. Esse discurso nacionalista é incorporado em algumas das narrativas fundantes da Umbanda, e revela uma determinada exaltação da mestiçagem e dos sincretismos, elemento igualmente acionado tanto por Holanda, quanto por Ribeiro, para criar um meio assentador da realidade cultural brasileira, agregando toda as implicações políticas/sociais dos diferentes grupos étnicos brasileiros em um mesmo plano de acesso, como se, a partir do momento em que foram reconhecidos, o que não foram pormenorizados, mesmo quando ainda se atribui a tais um caráter reduzido ou de menor valor simbólico.

---

<sup>749</sup> SILVA, 2019, p. 50.

<sup>750</sup> RIBEIRO, Darcy. *O Povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 208-227.

<sup>751</sup> FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala*. Rio de Janeiro: Record, 2000, p. 30.

<sup>752</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 55.

<sup>753</sup> Guerreiro Ramos (1964) chama atenção para o alto teor de exportação teórica do Pensamento Social Brasileiro que, inspirados por um debate acadêmico de bases eurocêntricas e eugênicas, tanto Freyre (2000 [1933]) quanto Ribeiro (1995) apresentam a questão racial de maneira lateral e contraditória, além de observada sob a ótica das teorias de aculturação que diminuem o caráter existencial das diversidades étnicas. Veja mais sobre em: GUERREIRO RAMOS, Alberto. O problema do negro na sociologia brasileira, *Nosso Tempo* 2, 1954. p. 189-220.

Observa-se então que, salvaguardadas as devidas combinações cosmológicas como elemento fundante da Umbanda, esta narrativa puramente sincrética também revela um determinado afastamento das religiões percebidas como pagãs pelo cristianismo europeu. Principalmente em uma sociedade que se apega ao eurocentrismo como traço cultural central e fundante da identidade nacional desde os tempos coloniais, além de orquestrar como um movimento de validação política ao transmitir a ideia de civilização e progresso.

Teóricos mais recentes definem os saberes coletivos que constituem as identidades brasileiras como traço fundante dos processos comunicacionais que consolidam a Umbanda, frente às particularidades e especificidades sociais que cada narrativa fundante possui. Silva, por exemplo, considera essa a adoção dos caracteres de religiões não hegemônicas por uma parcela substancial da população como um processo de transfiguração dos significados associados às práticas rituais das mesmas, a constituir por assim, novos sentidos a partir de seu próprio repertório<sup>754</sup>. Ou seja, a institucionalização da religiosidade passa a ser conectada não no ritual em si, mas sim a partir do imaginário eurocêntrico que se faz dele, se concretizando desta forma como um movimento de apagamento e embranquecimento da mesma.

Em outras palavras, neste caso, o processo de secularização que opera como assimilação do ritual a partir da perspectiva do valor central europeu, tende a imputar a parcelas do rito ao valor próprio, redundando na percepção geral de práticas desconexas, às quais sofrem inversões de valores e/ou eventuais pagamentos. (SILVA, 2019, p. 49)

Silva aponta que tal perspectiva não visa invalidar os aspectos sincréticos característicos da Umbanda, mas evidenciar mais amplamente os impactos comunicacionais do apagamento ou invisibilização de certos elementos tanto nas narrativas fundantes, quanto nas práticas rituais. Compreendendo sobretudo o poder do discurso na construção da realidade, a ideia da crítica é justamente nomear todos os sujeitos e narrativas constituintes da religiosidade aclamada pela Umbanda, em um real movimento de validação e compreensão dos impactos políticos e culturais que implicam.<sup>755</sup>

### **Considerações finais**

Compreender a origem da Umbanda no Brasil não é um processo de pesquisa simples, tendo em vista que compreende variadas interpretações religiosas e práticas no território brasileiro, já que não se limita a uma única religião, diante de que possui uma conexão com várias concepções cosmológicas.

Nesse íterim, a Umbanda é uma religião brasileira, constituída de prática religiosa que emerge da diversidade cultural do território, marcada pela conciliação cosmológica de vários elementos das religiões de matriz africana e do cristianismo, bem como ideologias e práticas simbólicas ameríndias. Entretanto, infelizmente, tendo

---

<sup>754</sup> SILVA, 2019, p. 50.

<sup>755</sup> SILVA, 2019, p. 51.

sido alvo de preconceito e perseguição religiosa, devido ser consolidada por meio de uma inversão ritual dos segmentos de menor poder na hierarquia social.

### **Referências**

- CUMINO, Alexandre. *História da Umbanda: uma religião brasileira*. São Paulo: Madras, 2019.
- CUMINO, Alexandre. Sincretismo na Umbanda. *Espiritualidade e Sociedade*, 2022a, s/p. In: [http://www.espiritualidades.com.br/Artigos/C\\_autores/CUMINO\\_Alexandre\\_tit\\_Sincretismo\\_na\\_Umbanda.htm](http://www.espiritualidades.com.br/Artigos/C_autores/CUMINO_Alexandre_tit_Sincretismo_na_Umbanda.htm) . Acesso em fevereiro de 2022.
- CUMINO, Alexandre. *Umbanda não é macumba: umbanda é religião e tem fundamento*. São Paulo: Madras, 2016.
- CUMINO, Alexandre. Umbanda, Candomblé e Kardecismo. *Espiritualidade e Sociedade*, 2022b, s/p. In: [http://www.espiritualidades.com.br/Artigos/C\\_autores/CUMINO\\_Alexandre\\_tit\\_Umbanda\\_Candomble\\_e\\_Kardecismo.htm](http://www.espiritualidades.com.br/Artigos/C_autores/CUMINO_Alexandre_tit_Umbanda_Candomble_e_Kardecismo.htm). Acesso em fevereiro de 2022.
- FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- GIUMBELLI, E. Zélio de Moraes e as origens da umbanda no Rio de Janeiro. In: SILVA, V. G. (Org.). *Caminhos da alma: memória afro-brasileira*. São Paulo: Summus, 2002.
- GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje—Anuário de Antropologia, Política e Sociologia*. 1984.
- GUERREIRO RAMOS, Alberto. O problema do negro na sociologia brasileira, *Nosso Tempo* 2, 1954.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- ISAIA, Artur Cesar. A Umbanda como projeto de nomeação da realidade brasileira. *Revista Brasileira de História das Religiões*, v. 7, n. 21, p. 115-129, 2015. In: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/article/view/26580/16655>. Acesso em fevereiro de 2022.
- ORTIZ, R. *A morte branca do feiticeiro negro: Umbanda e sociedade brasileira*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- RIBEIRO, Darcy. *O Povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SILVA, Maurício Ribeiro da. Trompe-L’Oeil: (in) visibilidade da Umbanda na cultura brasileira. *Libero*, n. 44, p. 44-55, 2019. In: <https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/1092>. Acesso em fevereiro de 2022.